O TEXTO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Ingedore Grunfeld Villaga Koch

RESUMO: *The purpose of this paper is to discuss the concept of text from the viewpoint of the trend of Text Linguistics, which considers verbal interaction as only one part of a more global social activity. In this way, verbal activity can be defined as a language game, in which social actors display certain activities, in order to attain certain goals. As a consequence, text is not described as a closed structure, but it is to be captured in the very process of its planning/verbalizing, in the course of which interactants are engaged in constructing a sense for the text, and therefore, its coherence.*

PALAVRAS-CHAVE: *texto, atividade verbal, construção do sentido, interação, processamento textual, coerência, sistemas de conhecimento.*

INTRODUÇÃO

É sabido que, conforme a perspectiva teórica que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de maneiras diversas. O conceito de texto não foge à regra. E mais: nos quadros mesmo da Lingüística Textual, que tem no texto seu objeto precípua de estudo, o conceito de texto varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada.

Assim, pode-se verificar que, desde as origens da Lingüística do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Em um primeiro momento, foi concebido como: a) unidade lingüística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas. Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passa a ser encarado, pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala; pelas vertentes cognitivas, como fenômeno primariamente

psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade comunicativa, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global. Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada, passando a ser abordado no próprio processo de seu planejamento, verbalização e construção.

CONCEITUAÇÃO

Combinando estes últimos pontos de vista, o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, a qual compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. Defende-se, portanto, a posição de que:

- a) a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;
- b) trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário, através da manifestação verbal;
- c) é uma atividade interacional, orientada para os parceiros da comunicação, que, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade do produtor do texto.

Desta perspectiva, então, podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 1992).

É esta também a posição de Schmidt, para quem o texto é

[...] qualquer expressão de um conjunto lingüístico numa atividade de comunicação — no âmbito de um *jogo de atuação comunicativa* — tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível.

(SCHMIDT, 1978, p.170).

Em Marcuschi, encontramos a seguinte *definição provisória* de Linguística Textual e de seu objeto, que também parece ajustar-se bem a essa linha de pensamento:

Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e*

recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes lingüísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações em nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente lingüístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

(MARCUSCHI, 1983, p.12-113).

SISTEMAS DE CONHECIMENTO ACESSADOS DURANTE O PROCESSAMENTO TEXTUAL

Para o processamento textual contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional (HEINEMANN & VIEHWEGER, 1991).

O conhecimento lingüístico compreende o conhecimento gramatical e o lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido. É ele o responsável, por exemplo, pela organização do material lingüístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão ou a seqüenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados.

O conhecimento *enciclopédico* ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), quer do tipo procedural (os *modelos cognitivos* socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência). É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses sobre o conteúdo do texto a partir de um título ou de uma manchete; que se criam expectativas sobre o(s) campo(s) lexical(is) a ser(em) explorado(s) no texto; que se produzem inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual. Visto que a informação dos vários níveis é explicitada apenas em parte, permanecendo a maior parte implícita, as inferências podem ser vistas como estratégias cognitivas através das quais, a partir da informação textual explicitamente veiculada, e levando em conta o contexto, constroem-se novas representações semânticas. A compreensão de um texto depende, também, de conhecimentos *comuns* ou partilhados entre os interlocutores, sem o qual certos casos de referência, por exemplo, por meio de expressões definidas como "O rapaz que conversou com você ontem" ficaria prejudicado (CLARK & MURPHY, 1982).

O conhecimento *interacional* é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *inter-ação* através da linguagem. Engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

É o conhecimento *ilocucional* que permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em dada situação de interação, pretende atingir. Trata-se de conhecimentos sobre *tipos de objetivos* (ou *tipos de atos de fala*), que embora costumem ser verbalizados por meio de enunciações características, o são também freqüentemente por vias indiretas, o que exige dos interlocutores o conhecimento necessário para a captação do objetivo ilocucional.

O conhecimento *comunicacional* é aquele que diz respeito, por exemplo, às normas comunicativas gerais, como as máximas descritas por Grice (1968); à quantidade de informação necessária numa situação concreta para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo do produtor do texto; à seleção da variante lingüística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de textos às situações comunicativas. É o que Van Dijk (1988) chama de *modelos contextuais*.

Através do conhecimento *metacomunicativo*, o produtor do texto procura evitar perturbações, previsíveis na comunicação ou sanar (*on line* ou *a posteriori*) conflitos efetivamente ocorridos, introduzindo no texto sinais de articulação ou apoios textuais, e realizando atividades específicas de formulação ou construção textual (repetições, parafraseamentos, resumos, correções, complementações, explicações, etc). Trata-se de ações lingüísticas com as quais se procura assegurar a compreensão do texto e, conseqüentemente, a aceitação dos objetivos com que é produzido, monitorando com elas o fluxo verbal (MOTSCH & PASCH, 1985).

O conhecimento *superestrutural*, isto é, sobre estruturas ou modelos textuais globais, permite reconhecer textos como exemplares de determinada classe ou tipo; envolve, também, conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem os vários tipos de textos, sobre a ordenação ou seqüenciação de tais unidades, bem como sobre a conexão entre objetivos, bases proposicionais e estruturas textuais globais.

Heinemann & Viehweger (1991) salientam que, a cada um desses sistemas de conhecimento, corresponde um conhecimento específico sobre como *lidar* com ele; ou seja, um conhecimento procedural, isto é, dos procedimentos ou rotinas por meio dos quais esses sistemas de conhecimento se atualizam quando do processamento textual.

Tal conhecimento engloba, também, o saber sobre as práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os interactantes, bem como o domínio das estratégias de interação, como preservação das faces, representação positiva do *self*, polidez, negociação, atribuição de causas a malentendidos ou fracassos na comunicação, entre outras.

ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO TEXTUAL

A informação semântica contida no texto distribui-se, como se sabe, em (pelo menos) dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido.

A informação dada — aquela que se encontra no horizonte de consciência dos interlocutores (CHAFE, 1987) — tem por função estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte da informação nova.

A retomada de informação já dada no texto se faz por meio de remissão ou referência textual (KOCH, 1989), formando-se destarte no texto as *cadeias coesivas*, que têm papel importante na organização textual, contribuindo para a produção do sentido pretendido pelo produtor do texto.

A remissão se faz, freqüentemente, não a referentes textualmente expressos, mas a *conteúdos de consciência*, isto é, a referentes estocados na memória dos interlocutores, que, a partir de *pistas* encontradas na superfície textual, são (re)ativados, via inferenciação. É o que se denomina *anáfora semântica* ou *anáfora profunda*. As inferências constituem, pois, estratégias cognitivas extremamente poderosas, que permitem estabelecer a ponte entre o material lingüístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou partilhados dos parceiros da comunicação. Isto é, é em grande parte através das inferências que se pode (re)construir os sentidos que o texto implica.

Com ancoragem na informação dada, opera-se a progressão textual, através da introdução de informação nova, estabelecendo-se, assim, relações de sentido entre: a) segmentos textuais de extensões variadas; b) segmentos textuais e conhecimentos prévios; c) segmentos textuais e conhecimentos e/ou práticas socioculturalmente partilhados.

As relações entre segmentos textuais estabelecem-se em vários níveis:

1. no interior do enunciado, através da articulação tema-rema (progressão temática) — a informação temática é normalmente dada, enquanto a remática constitui informação nova. O uso de um tipo ou outro de articulação tema-rema (progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema, etc) tem a ver com o tipo de texto, com a modalidade (oral ou escrita), com os propósitos e atitudes do produtor;

2. entre orações de um mesmo período ou entre períodos no interior de um parágrafo (encadeamento), por meio dos conectores interfrásticos, aqui considerados tanto aqueles que estabelecem relações de tipo lógico, como aqueles responsáveis pelo estabelecimento de relações discursivas ou argumentativas (KOCH, 1984, 1987 e 1989a);

3. entre parágrafos, seqüências ou partes inteiras do texto, por meio dos *articuladores textuais* ou também por mera justaposição.

Relações entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados podem ser estabelecidas por recurso à intertextualidade, à situação comunicativa e a todo o contexto sociocultural.

CONCLUSÃO: AFINAL, QUAL É A PROPRIEDADE DEFINIDORA DO TEXTO?

Um texto passa a existir no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e

interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que *o sentido não está no texto*, mas se *constrói a partir dele*, no curso de uma interação. Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora do *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, fazem-se necessários o recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Uma vez construído *um* e não *o*- sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes (KOCH, 1989b). E é a coerência assim estabelecida que, em uma situação concreta de atividade verbal — ou, se assim quisermos, em um *jogo de linguagem* — vai levar os parceiros da comunicação a identificar um texto como texto.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen, Niemeyer, 1981.
- CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, Russel S. (ed.). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam, John Benjamins, 1987.
- CLARK, Herbert H.; MURPHY, Gregory L. Audience design in meaning and reference. In: LENY, J. F.; KINTSCH, Walter. *Language and comprehension*. Amsterdam, North-Holland, 1982.
- GRICE, Henry P. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, J. L. (orgs.). *Syntax and semantics 3: Speech Acts*. New York, Academic Press, 1975.
- HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGGER, Dieter. *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez, 1984.
- _____. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: KIRST, Marta; CLEMENTE, Elvo. *Linguística aplicada ao ensino do Português*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989a.
- KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989b.
- KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo, Contexto, 1992.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- MOTSCH, Wolfgang; PASCH, Renate. Illokutive Handlungen. In: . MOTSCH, W. (org.). *Satz, Text, Sprachliche Handlung*. Berlin, Akademie Verlag, 1987.

SCHMIDT, Siegfried J. *Texttheorie. Problem der sprachlichen Kommunikation*. München, Wilhelm Fink, 1973.

VAN DIJK, Teun A. Modelos na memória — o papel das representações da situação no processamento do discurso. In: KOCH, Ingedore G. V. (org.). *Cognição, discurso e interação*. Traduzido por Ingedore Koch et alii. São Paulo, Contexto, 1992.